

VIDA E OBRA DE LUÍS DE CAMÕES

Contexto Histórico, social e Cultural

“Triste vida se me ordena”

A pesquisa sobre a vida da pessoa de Luís Vaz de Camões permanece repleta de incertezas, envolta de um desconhecimento, ou simplesmente falta de provas ou de matéria sustentável para os argumentos enunciados, a primeira biografia foi de Pedro Mariz que ainda foi contemporâneo do poeta, Tudo o que temos reduz-se a poucos factos e muitas incertezas, assim e em forma de quase lenda, descrevo uma das múltiplas hipóteses sobre a vida do homem que foi sem dúvida o maior poeta português.



“No Mundo poucos anos, e cansados,
Vivi, cheios de Vil miséria dura:
Foi-me tão cedo a luz do dia escura.
Que não vi cinco Lustros acabados.”

Poeta Caracterizado Por si Próprio – Manual Português Pag. 259

Luís de Camões terá nascido em Lisboa no ano de 1524 ou 1525, era de uma família mediana, (há historiadores que argumentam que ele não era fidalgo¹) a família seria oriunda de Chaves (Também aqui não existe acordo entre historiadores), quando era rapazinho foi para Coimbra, ali fez os seus estudos na Universidade de Coimbra ou no Colégio das Artes de que seria reitor seu tio o bispo D. Bento, embora o seu nome não se encontre no arquivo de uma ou outra instituição. Como testemunha apenas a obra do poeta.

É realmente junto ao Mondego, como o poeta diz, *“de vós me aparto; mas, porém, não nego que inda a memória longa, que me alcança, me não deixa de vós*

¹ A passagem da Cadeia do Tronco testemunha de acordo com Historiador José Matoso que Camões não era fidalgo, a lei era clara, os fidalgos não iam para o tronco.

fazer mudança, mas quanto mais me alongo, mais me achego”², a história complica-se, ele apaixona-se pela ama e um grande amor vai durar toda a sua vida.

Camões passou um mau bocado, andou embarcado num navio na frota do Algarve em perseguição aos corsários e mouros, foi aí que um disparo dum canhão saltou uma limalha e rebentou-lhe uma vista. Foi preso por causa de uma briga em Lisboa e meteram-no na Cadeia do Tronco, o Tronco era uma cadeia atroz, e para sair do tronco teve de ir logo para a Índia os 3 anos obrigatórios 1553 a 1557, mas depois não arranjou emprego, mas passados alguns anos o Conde Redondo D. Francisco Coutinho deu-lhe um emprego nas partes da China. Isto explica imensas coisas, porque é que o Camões deu aquele relevo todo nos Lusíadas ao episódio lendário do Magriço no Canto VI, é que o Magriço era da família dos Coutinhos, e a lenda do Magriço era o orgulho dos Coutinhos. Camões vai para Macau como provedor dos órfãos, e passou aí 3 anos obrigatórios. São desse período alguns dos mais impressionantes versos que refere a si próprio.

Os descobrimentos transformaram o pequeno Portugal numa nação mundial. “Por toda a terra se ouvem as suas vozes e até nos confins do mundo ressoam as suas palavras” diz Damião de Góis. Em meados do séc. XV a imagem do país que se pode colher nas páginas de Fernão Lopes é de um Portugal pobre habitado por gente rija que luta ferozmente para não cair sobre o domínio espanhol. Mas cem anos depois a imagem de Portugal é outra, “um imenso espaço que vai desde as colunas de Hércules há China e onde por obra nossa todos conhecessem a lei de Cristo” diz Damião de Góis. O mais eloquente proclamador desta consciência épica foi Camões. Trata-se de uma obra de carácter renascentista que se vivia em toda a Europa, a grande inovação do poema português está em que o tema não foi inspirado pela Antiguidade, mas sim pela história de Portugal. Os seus heróis não são imaginados, nem os da Grécia e de Roma: são reais e são portugueses.

“Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,

² Doces águas e claras do Mondego, Soneto de Luís de Camões

A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta”

3ª Estrofe dos Lusíadas Canto I

Os Lusíadas são publicados em 1572, conseguindo uma censura benévola, apesar do êxito do poema e de lhe ter sido atribuído uma tença anual de 15.000 réis, parece ter continuado a viver pobre. Morreu em 10 de Junho de 1580. Algum tempo depois, D. Gonçalo Coutinho mandou gravar uma lápide para a sua campa com os dizeres: “Aqui jaz Luís de Camões, Principie dos Poetas de seu tempo. Viveu podre e miseravelmente, e assi morreu.”

Camões Lírico

Os temas clássicos do lirismo - o amor, a saudade, a despedida, a impossibilidade de correspondência amorosa, o desespero da distância, o apelo às coisas simples da natureza, a beleza, a contemplação, entre outros, foram tratados profundamente por Camões, pois «*O lirismo de Camões é o próprio Camões, grande, sublime, sabedor, estudioso, concentrado, sendo mais fácil de encontrar Camões num só dos seus sonetos do que em toda a sua obra épica*».

Nos seus sonetos Camões fala muito do amor, da vida e das mulheres. Ele herdou uma concepção do amor e da mulher em que ela aparece, não como um simples ser humano, mas como um ser angélico que desperta o amor existente dentro de cada homem. Nos seus poemas o Poeta descreve a mulher amada como se fosse o próprio Deus, referindo que a sua presença faz serenar o vento, faz nascer as flores e até enternecer os troncos das árvores. A figura da mulher descrita na sua poesia respira gravidade, altura, serenidade e representa o sonho.

“Foi minha ama uma fera
Que o destino não quis que tivesse
Esse nome para mim uma mulher”

A lírica de Camões, porventura a parte mais significativa da sua obra, compreende os géneros tradicionais em redondilhas – vilancetes, cantigas e outras composições obrigadas a mote – e os mais importantes géneros do "estilo novo": sonetos, canções, elegias, éclogas, etc.

Camões Épico

Lusíadas Poema épico (1572) de Luís de Camões, de inspiração clássica (segundo a *Eneida*, de Virgílio) mas de manifesto saber contemporâneo, colhido na observação, é constituído por dez cantos com estrofes de 8 versos, com rima emparelhada e cruzada e por versos com 10 sílabas métricas (décimas em decassílabos heróicos), e vive de uma contradição esteticamente harmonizada entre a acção das divindades pagãs (que ajudam ou prejudicam o progresso dos Portugueses na viagem marítima para a Índia, tema do livro) e a tutela do sentimento cristão e da expansão da fé, que anima um ardor de conquista e de possessão do mundo.

Vasco da Gama é o herói, Vénus a sua deusa protectora e Baco o adversário temido – mas a «lusa gente» chega à Índia, dá «novos mundos ao mundo», e o Poeta narra este empreendimento insigne alternando a fogosidade do entusiasmo e da crença com o desengano do reconhecimento da mesquinhez humana, «mísera sorte, estranha condição».

Escrito com mestria narrativa exemplar, o poema representa o exercício em perfeição da língua portuguesa, moderna, dúctil e rica em complexidade expressiva e em matizes líricos de excepção.

Bibliografia:

CAMÕES, Luís, *Os Lusíadas*, Texto Integral, Lisboa, 1997

MATOS, Maria, *Introdução à poesia de Luís de Camões*, Instituto da Cultura Portuguesa, Amadora, Janeiro de 1980

HENRIQUE, Teresa Maria, *Camões – Os Lusíadas*, Publicações Europa – América, Portugal, 1991

AMARO, Alice, *Português B*, Edições Asa, Lisboa, Maio de 2002

CIDADE, Hernâni, *Luís de Camões*, Editora Arcádia, Lisboa

CIDADE, Hernâni, *Vida e Obra de Luís de Camões*, Editora Presença, Lisboa, 1986

SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal*, Publicações Europa – América, Mem Martins, Setembro de 2001

ALVES, Manuel dos Santos, *Dicionário dos Lusíadas*, PAMP, Lisboa, 1971

GUERRA, João Augusto da Fonseca, et al., *Aula Viva – Português B – 10º Ano*, Porto Editora, Porto, 2002

URL: http://planeta.clix.pt/netwarrior/Os_Lusiadas/os_lusiadas.html

URL: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/camoes34.html>

URL: <http://pwp.netcabo.pt/0511134301//escritor.htm>

URL: <http://pwp.netcabo.pt/0511134301//camoes.htm>

URL: <http://www.terravista.pt/mussulo/2997/poemas.htm>

URL: <http://www.terravista.pt/bilene/1264/10%20DE%20JUNHO.htm>

URL: <http://planeta.clix.pt/netwarrior/>

Pedro Pinto

Nº20 10ª